

[note que] e [veja que]: microconstruções estruturantes do discurso em competição no português contemporâneo

[note que] and [veja que]: competing structuring microconstructions in contemporary Portuguese discourse

[note que] y [veja que]: microconstrucciones en competencia que estructuran el discurso en el portugués contemporáneo

Ana Cláudia Machado dos Santos

Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil)
anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0001-8256-1474>

Mariangela Rios de Oliveira

Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil)
mariangelarios@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

RESUMO

Com base na Linguística Funcional e na abordagem construcional da gramática, investigamos qualitativamente duas construções marcadoras pragmáticas instanciadas no português contemporâneo cuja subfunção é a estruturação do discurso: [note que] e [veja que]. Assumimos que se trata de aloconstruções integrantes da hiperconstrução marcadora pragmática do português. A análise interpretativa de contextos de uso levantados no Corpus do Português – aba Web/Dialects – aponta que atuam na articulação discursiva na função maior de elaboração, porém com subfuncionalidades específicas: enquanto [note que] se volta para a elaboração fina ou pontual, [veja que] opera em um nível de elaboração em espaço atencional e informacional mais amplo, envolvendo seqüências discursivas maiores. Ambas competem pela instanciação no uso linguístico, motivadas pelo tipo de seqüência

textual e pelos propósitos comunicativos. Argumentamos, por fim, que sua função estruturante mobiliza o alinhamento argumentativo entre locutor e interlocutor, orientando a leitura de D2 a partir da perspectiva enunciativa projetada em D1.

PALAVRAS-CHAVE: Marcação pragmática; Estruturação do discurso; [X que]; Funcionalismo; Variabilidade.

ABSTRACT

Based on Functional Linguistics and the constructional approach to grammar, we qualitatively investigate two pragmatic marker constructions instantiated in contemporary Portuguese whose subfunction is discourse structuring: [note que] and [veja que]. We assume that these are alloconstructions belonging to the pragmatic marker hyperconstruction in Portuguese. The interpretive analysis of usage contexts collected from the Corpus do Português – Web/Dialects section – indicates that they operate in discourse articulation within the broader function of elaboration, but with specific subfunctions: while [note que] is oriented toward fine-grained or local elaboration, [veja que] operates at a broader attentional and informational level, involving larger discourse sequences. The two constructions compete for instantiation in language use, motivated by the type of textual sequence and the communicative purposes at stake. We argue, finally, that their structuring function mobilizes argumentative alignment between speaker and addressee, guiding the interpretation of D2 from the enunciative perspective projected in D1.

KEYWORDS: Pragmatic marking; Discourse structuring; [X that]; Functionalism; Variability.

RESUMEN

Con base en la Lingüística Funcional y el enfoque de la construcción gramatical, investigamos cualitativamente dos construcciones de marcadores pragmáticos, instanciadas en el portugués contemporáneo, cuya subfunción es la estructuración del discurso: [nótese que] y [vea que]. Asumimos que se trata de aloconstrucciones integrales a la hipercstrucción de marcadores pragmáticos del portugués. El análisis interpretativo de los contextos de uso planteados en el Corpus Portugués (en este caso, Web/Dialectos), señala que actúan en la articulación discursiva en la función principal de elaboración, si bien con subfuncionalidades específicas: atencionales e informativas más amplias, que involucran secuencias discursivas más extensas. Ambas compiten por la instanciación en el uso de la lengua, motivadas por el tipo de secuencia textual y los propósitos comunicativos. Argumentamos, finalmente, que su función estructurante moviliza la alineación argumentativa entre hablante e interlocutor, orientando la lectura de D2 desde la perspectiva del enunciado proyectada sobre D1.

PALABRAS CLAVE: Marca pragmática; Estructuración del discurso; [X que]; Funcionalismo; Variabilidad.

1 Introdução

Nossos objetos de pesquisa – os *types* [note que] e [veja que] – são definidos como microconstruções procedurais, conforme Traugott e Trousdale (2013), ou seja, como pareamentos altamente vinculados de conteúdo e forma (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001) cumpridores de função gramatical, atuantes no nível pragmático-discursivo na língua portuguesa. Tais microconstruções não apenas articulam segmentos, mas orientam o processamento inferencial do leitor/ouvinte, guiando o percurso interpretativo ao longo do texto — um ponto central na sua proceduralidade. Estamos nos referindo a instanciações como a destacada a seguir, extraída do *Corpus do Português* (CdP), na aba Web/Dialects¹:

(1) O Banco Central do Brasil (Bacen) adota, desde 1999, o regime de metas de inflação. Por esse modelo, cabe ao Bacen tentar fazer com que a inflação convirja para o centro da meta ao longo do ano corrente. Mas o Bacen alterou tal regime de metas sem informar a população. A primeira evidência que temos disso se refere ao que ocorreu no ano passado. *Note que* durante todo o ano de 2011 a inflação se situou acima de sua meta estipulada de 4,5 %, sem que o Bacen adotasse medidas para trazer a inflação de volta à meta. Ele nem sequer tentou. Sim, eu sei que existe um limite de tolerância de dois pontos percentuais para mais ou para menos. Mas isso não implica que o Bacen tem o direito de perseguir 6,5 % de inflação anual como meta.

Como podemos observar, em (1) a instanciação de [note que] conecta e articula segmentos discursivos mais amplos do que o período, fazendo com que o locutor oriente a atenção do interlocutor no sentido de este perceba e concorde com destaque acerca de que “durante todo o ano de 2011 a inflação se situou acima de sua meta estipulada de 4,5 %, sem que o Bacen adotasse medidas para trazer a inflação de volta à meta”. É justamente esse tipo de movimento discursivo-textual, que extrapola o plano sintático estrito e que atua em prol da negociação de sentidos, que nos interessa como função precípua dos objetos sob nossa análise. No caso específico de [note que], observa-se uma atuação granular fina, em que a construção destaca um ponto preciso da cadeia argumentativa, funcionando como lente de aumento interpretativa.

Assumimos que [note que] e [veja que] são membros da classe dos marcadores pragmáticos (MP), nos termos de Traugott (2021; 2022) e que, por

¹ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

conta do conteúdo que veiculam, competem (Hopper, 1991) pela instanciação em contextos específicos, demonstrando a variabilidade linguística como *aloconstruções* (Cappelle, 2006). Essa variabilidade, no entanto, não é aleatória: observamos que a configuração da sequência textual — narrativa, expositiva ou argumentativa — condiciona a emergência de cada *type*.

Com base em tal assunção, nosso objetivo aqui é levantar e analisar instanciações das referidas microconstruções no português contemporâneo a fim de detectar efeitos de sentido expressos por tais padrões de uso, com atenção para propriedades funcionais particulares de cada um destes padrões. Testamos a hipótese de que [note que] e [veja que], ainda que pertencentes à *hiperconstrução* (Diewald, 2020) MP, portam propriedades funcionais que as individualizam como membros categoriais específicos. Na análise, levamos em conta também o papel da evidencialidade lexical presente nos verbos *notar* e *ver*, fonte da primeira subparte das microconstruções sob pesquisa, que destaque para a orientação do ponto de vista e para a força persuasiva expressa desses dois padrões construcionais.

Para tanto, fundamentamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), com base em Rosário (2022) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), entre outros, num viés funcionalista que assume a abordagem construcional de vertente cognitiva, como em Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). De acordo com tal acepção, os usos linguísticos são decorrentes da convencionalização de rituais interativos que se repetem no trato social, motivados por pressões de ordem estrutural, cognitiva e textual-discursiva.

Em termos metodológicos, partimos de abordagem basicamente qualitativa (Lacerda, 2016), na análise interpretativa de dados coletados no CdP, na aba Web/Dialects. Procuramos estabelecer uma comparação entre as instanciações de [note que] e [veja que], com o propósito de detectar propriedades comuns e distintivas entre ambas as microconstruções como aloconstruções (Cappelle, 2006; Perek, 2015) membros da ampla classe dos MP, nos termos de Traugott (2021; 2022).

Este artigo se divide basicamente em duas seções maiores. Na primeira, voltamo-nos para os fundamentos teóricos da LFCU que alicerçam o estudo apresentado (Rosário, 2022; Rosário, Oliveira, 2016) e caracterizamos [note que] e [veja bem] a partir de tais fundamentos, com componentes da classe dos MP, com base em Traugott (2021; 2022); na segunda, procedemos à análise qualitativa dos contextos de instanciação dos dois *types* referidos, com foco em suas propriedades funcionais comuns, como membros da classe dos MP, e distintivas, como construções específicas dessa classe que competem

pela instanciação. Na sequência, tecemos nossas considerações finais, destacando a contribuição de um olhar funcional-construcional sobre nossos objetos e trazemos o referencial bibliográfico utilizado.

2 LFCU e a classe dos MP

Conforme a perspectiva funcionalista que nos orienta, a partir de Rosário (2022), Rosário e Oliveira (2016), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), entre outros, a gramática é moldada com base em práticas interativas que se ritualizam no trato social. A partir de usos inovadores e de seu consequente espriamento em nichos específicos, é possível chegar à fase de convencionalização, na qual se fixam modos de dizer.

De acordo com a perspectiva construcional assumida pela LFCU, esses usos convencionalizados são tomados como construções, ou seja, como pares altamente vinculados simbolicamente de conteúdo e forma (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001). Nesse sentido, podemos assumir a gramática como uma rede de construções, que se interconectam em vários níveis. Nessa rede, [note que] e [veja bem] constituem construções de tipo gramatical, ou procedural, atuantes no nível pragmático-discursivo do português contemporâneo.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as duas referidas construções são complexas, uma vez que se compõem de duas subpartes, e *chunks* (Bybee, 2010) pouco composicionais, dado que o conteúdo geral veiculado não corresponde à mera soma do conteúdo de cada uma dessas subpartes. Trata-se, ainda de acordo com os autores, de microconstruções, de *types* totalmente especificados compostos por uma primeira subparte de fonte verbal – *notar* e *ver*, e por uma segunda subparte marginal afixoide² – *que*, integrantes do esquema mais amplo e virtual [X que].

Ao serem instanciados nas interações, [note que] e [veja que] passam a ser vistos como *construtos*, ou seja, como *tokens* empiricamente veiculados. Assim, para a pesquisa construcional praticada na LFCU, marcada por um viés mais virtual ou sistêmico, é necessário eleger como ponto de partida os efetivos contextos de uso, de acordo com o clássico perfil funcionalista. Em

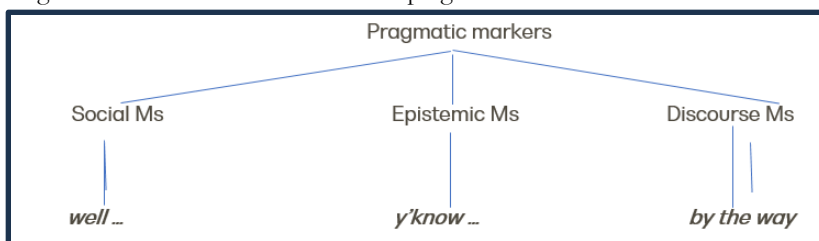
² Conforme Booij (2007), *afixoide* é um constituinte semelhante a um afixo, partilhando propriedades dessa classe, mas ostentando distinções também. Na LFCU, afixoide são tomados como subpartes periféricas de construção, com baixa composicionalidade, consequentes de micropassos de mudança linguística.

outros termos, partimos dos *tokens* para analisar os *types*, na manutenção da primazia dos usos linguísticos como traço constitutivos do Funcionalismo, como defendem Rosário e Oliveira (2021).

A partir da perspectiva construcional assumida pela LFCU, Traugott (2021; 2022) destaca a necessidade de que padrões de uso atuantes no nível pragmático-discursivo sejam assumidos como construções de modo mais efetivo. Assim orientada, a autora passa a tratar da classe “guarda-chuva” dos MP, destacando o papel destes constituintes na rede linguística. Segundo a autora, os MP constituem uma ampla e híbrida categoria portadora das seguintes propriedades: não veiculam valor de verdade, são procedurais, multifuncionais e intersubjetivos, por atuarem em prol da negociação de inferências e orientação atencional, atuam fora do eixo sintático em relação à declaração hospedeira, podem ter ordenação variada, tendem a um formato curto e prosódia específica.

Conforme Traugott (2021), os MP se distribuem em três subfunções básicas:

Figura 1: Taxonomia dos marcadores pragmáticos



Fonte: Traugott (2021, p. 4)

A proposta categorial ilustrada na Figura 1 vai ao encontro do que postula Diewald (2020), para quem a perspectiva construcional precisa dar conta da dimensão paradigmática da gramática. Nessa vertente, o que Traugott (2021; 2022) propõe como a categoria dos MP pode ser assumido como hiperconstrução nos termos de Diewald (2020), ou seja, como uma superordenada construção formada por construções, uma vez que se trata de uma dimensão holística e integrada que reúne membros, ou células, mais ou menos correspondentes em termos estruturais que partilham traços funcionais comuns.

Em nova formulação acerca da classe dos MP, Traugott (2022) refina a subfunção estruturante do discurso (MED) com base na formulação original de Fraser (1988; 1999). De acordo com a autora, tal subgrupo atua

precipualemente num tipo de conexão discursiva complexa que articula uma declaração inicial (D1) e outra subsequente (D2), na expressão de efeitos de sentido mais específicos. Trata-se de um tipo de organização que pode ser codificada e resumida como [D1 MED D2], em que os colchetes sinalizam a vinculação simbólica das três subpartes, fundamental para o tipo de efeito de sentido expresso.

Nossos objetos de pesquisa, [note que] e [veja que], fazem parte do subgrupo dos MED, como microconstruções multifuncionais elaboradoras, uma vez que materializam duas faces de um mesmo processo de especificação discursiva. Segundo a proposta de Fraser (1999) assumida por Traugott (2022), os MED elaboradores são aqueles cuja função é marcar que D2 deve ser entendido como um tipo de continuidade expansiva de D1, num forte movimento de natureza discursivo-argumentativa.

Em termos mais específicos, assumimos que os MED elaboradores [note que] e [veja que] são aloconstruções da hiperconstrução MP. Nos termos de Cappelle (2006) e Perek (2015), as aloconstruções são tomadas como realizações formais variantes de um esquema maior parcialmente subespecificado.

Consideramos que esses dois MED diferem do tipo de granularidade que instauram: enquanto [note que] mobiliza um espaço atencional e informacional fino, restrito a um detalhe lexical ou conceitual de D1, [veja que] opera uma granularidade vasta, englobando porções textuais mais amplas. Essa distinção reflete modos distintos de perspectivização: o primeiro atua como lente de aproximação, conduzindo o olhar do leitor a um ponto específico do enunciado; o segundo, como lente panorâmica, que amplia o escopo interpretativo. Nesse sentido, os dois MEDs ocupam pontos de um contínuo de elaboração por especificação e competem pelo uso linguístico justamente por conta das subfunções que desempenham quando instanciados.

Como base conceitual, adotamos: (i) a noção de evidencialidade lexical (Hattnher, 2013), segundo a qual itens do léxico codificam a fonte e/ou o modo de acesso ao saber enunciado; (ii) a articulação D1→D2 como orientação argumentativa (Koch; Elias, 2016); e (iii) a caracterização de MED elaborador (Traugott, 2022), pela qual D2 explicita, comenta ou reformula informação ativada em D1.

No que se refere à noção de evidencialidade lexical, tal categoria é particularmente pertinente para a descrição dos MED em análise, uma vez que os verbos da subparte X das microconstruções — *notar* e *ver* — codificam modos distintos de acesso ao conteúdo enunciado (Hattnher, 2013). Essa

dimensão evidencial orienta o leitor quanto à forma pela qual o locutor apresenta a informação de D2: como percepção atencional dirigida (*note*) ou como percepção ampliada e avaliativa (*veja*). Assim, a origem e o tipo de acesso ao saber manifestado pelo verbo matriz constituem pista interpretativa essencial para o funcionamento procedimental de cada MED. Essa base permite avançar para a segunda dimensão conceitual mobilizada no estudo.

No quadro da articulação D1→D2 como orientação argumentativa, compreendemos que cada MED opera como instrução de leitura que guia o interlocutor no percurso interpretativo proposto pelo locutor (Koch; Elias, 2016). Tanto [note que] quanto [veja que] organizam a relação de continuidade expansiva entre D1 e D2, assegurando o alinhamento argumentativo e a adesão ao ponto de vista construído no texto. Nesse sentido, os MED elaboradores não apenas estruturam o discurso, mas também moldam o modo como o leitor deve interpretar a informação subsequente, com graus distintos de focalização conforme o escopo instaurado por cada microconstrução.

A seguir, detalhamos cada MED e, ao final, propomos uma síntese comparativa.

3 Análise de dados

Esta seção se divide em duas subseções, dedicadas respectivamente à análise qualitativa de contextos de instanciação de [note que] e [veja que] extraídos do CdP, na aba Web/Dialects. O foco nesta seção é demonstrar o tipo de elaboração discursiva que ambos os MED articulam, em termos de correspondências e de especificidades.

3.1 [note que]_{MED}

Com base em Traugott (2022) e a partir dos dados sob análise, constatamos que [note que] é um MED elaborador de especificação fina: D2 explícita, comenta ou reformula uma informação ativada em D1. Na ótica de Koch e Elias (2016), essa relação se traduz em um encadeamento em que D1 se torna tema informacional e D2, orientação argumentativa. Em todos os casos observados, o MED combina: elaboração argumentativa, evidencialidade lexical (Hattner, 2013) — na medida em que aponta para a fonte epistêmica interna do falante/escritor — e modalidade epistêmica, já que o enunciador se posiciona quanto ao grau de certeza e ao caráter interpretativo do que diz.

Consideramos que traços da categoria fonte verbal de *notar* persistem na convencionalização de [note que]_{MED}, concorrendo para conferir a essa microconstrução MP seu papel focal estruturante. Entre os referidos traços, estão o sentido de *distinguir por intermédio de marca ou sinal*, o que é compatível com a elaboração fina articulada por essa microconstrução. O dado a seguir ilustra o comentário:

(2) A verdade é que a visão de que o consumidor olha apenas para o preço é extremamente simplista e capta apenas uma parte de a realidade que estamos vivendo. # Obviamente, fatores financeiros influenciam na escolha de um produto ou serviço, mas é a percepção de valor que determinará a decisão final. *Note que* a palavra percepção é completamente diferente da palavra valor. Trata-se de fazer com que o cliente se sinta especial, único e parte de algo maior do que ele mesmo. A educação, por exemplo, é um de os setores onde este sentimento de transcendência pode ser mais facilmente alcançado. Afinal, quem fala em educar automaticamente fala em transformar vidas.

No excerto (2), pertencente ao gênero artigo de opinião, D1 discute a motivação do consumidor contemporâneo; em D2, [note que] retoma o par lexical *percepção/valor* e desenvolve sua argumentação a partir de uma leitura contrastiva. O gênero jornalístico-opinativo, que combina exposição e argumentação, favorece o uso do MED como elemento procedural de explicitação e persuasão. Em D2, o tipo textual é argumentativo, pois a elaboração é conceitual (foco no contraste semântico), mas também subjetiva.

O nível de articulação é intermediário (interperíodos): D2 encadeia e especifica a tematização de D1. A evidencialidade lexical deixa clara a fonte interna: o locutor se apresenta como observador qualificado do fenômeno. A modalidade epistêmica é de comprometimento alto, pois o enunciador assume a validade da interpretação. A função argumentativa é elaborativo-especificadora — o D2 explica, delimita e refina o conceito exposto em D1 —, e o efeito de sentido geral é o de autoridade interpretativa: o leitor é conduzido a ver, no termo *percepção*, o verdadeiro foco da argumentação. Em termos discursivo-funcionais, [note que] focaliza e reorganiza o espaço informacional de D1, transformando-o em evidência interpretativa no interior da lógica textual.

No fragmento seguinte, o MED é instanciado em outro tipo de sequência tipológica:

(3) Pronto. Assim fica melhor. Arredondamos pra dez mandamentos. Também não há como não lembrar quando vemos as "« obras de arte

"» que ilustram a matéria, particularmente a da página 27 -- uma boia de golfinho (dessas que se compra nas ruas de Caldas Novas) e painéis dependuradas, do gênio Jeff Koons. *Note que* estou sendo sincero quando o chamo de gênio. É preciso ter uma inteligência fora do comum pra fazer de idiotas um bando de gente. Gente disposta a pagar fortunas e / ou expor suas "« obras "» em museus para que nós, pagadores de ingressos, "« apreciemos "». Somente um gênio do marketing pra conseguir convencer os bocós (como os há, meu Deus, como os há!) de que ele vale alguma coisa.

O terceiro exemplo, pertencente ao gênero crônica opinativa, apresenta D1 composto por uma sequência avaliativa sobre o artista Jeff Koons. O [note que] introduz, em D2, uma justificativa irônica ("estou sendo sincero quando o chamo de gênio"), retomando pontualmente a característica de "gênio" do artista e explicitando a atitude avaliativa do cronista. O gênero, marcado pela subjetividade e pela interação com o leitor, favorece o uso de MED com valor avaliativo como esse. O D2 tem tipo textual argumentativo, em que a elaboração não explica fatos, mas reforça o ponto de vista.

O nível de articulação é intermediário, pois o D2 se projeta sobre o parágrafo anterior, articulando avaliações distintas. A função de evidencial lexical aponta para um traço de ironia: o locutor finge transparência ("sinceridade"), enquanto sustenta um juízo crítico. A modalidade epistêmica é assertiva, porém marcada por distância avaliativa. A função argumentativa de especificação elabora uma perspectiva avaliativo-reflexiva, e o efeito de sentido geral é o de revelar o ponto de vista, expondo a voz do locutor como filtro interpretativo. Assim, [note que] ancora a leitura na subjetividade do enunciador e instrui o leitor sobre como compreender a ironia do texto, reafirmando a multifuncionalidade do MED: elaborador, evidencial e especificativo.

Retomamos na sequência o primeiro fragmento ilustrado neste artigo:

(1) O Banco Central do Brasil (Bacen) adota, desde 1999, o regime de metas de inflação. Por esse modelo, cabe ao Bacen tentar fazer com que a inflação convirja para o centro da meta ao longo do ano corrente. Mas o Bacen alterou tal regime de metas sem informar a população. A primeira evidência que temos disso se refere ao que ocorreu no ano passado. *Note que* durante todo o ano de 2011 a inflação se situou acima de sua meta estipulada de 4,5 %, sem que o Bacen adotasse medidas para trazer a inflação de volta à meta. Ele nem sequer tentou. Sim, eu sei que existe um limite de tolerância de dois pontos percentuais para mais ou para menos. Mas isso não implica que o Bacen tem o direito de perseguir 6,5 % de inflação anual como meta.

O fragmento (1), proveniente de um artigo jornalístico de análise econômica, apresenta D1 afirmando que o Banco Central alterou o regime de metas sem aviso, destacando que o fato ocorreu no ano passado. D2, introduzido por [note que], exemplifica com o dado empírico da inflação acima da meta, retomando a informação do ano, agora de forma mais direta, 2011. O gênero demanda credibilidade e objetividade, o que confere ao [note que] um papel de evidenciação técnica. O D2 é de tipo argumentativo que denota um ponto de vista, predominante no discurso econômico, pois explicita um fato empírico que reforça a tese.

O nível de articulação é intermediário (interperíodo), e o D2 amplia o conteúdo do parágrafo anterior, funcionando como prova argumentativa. A evidencialidade lexical aponta para o fato: o MED convoca o leitor a observar o dado como fonte de verdade. A modalidade epistêmica é de comprometimento máximo, e a função argumentativa elabora uma especificação com valor de confirmação empírica. O efeito de sentido geral é o de autoridade — o locutor mostra domínio sobre os fatos e instrui o leitor a reconhecer a falha do Banco Central. Em termos discursivo-funcionais, o MED [note que] ativa um espaço informacional delimitado (o ano e o que aconteceu nele) e o transforma em informação importante do argumento central, consolidando a progressão D1–D2 com um tipo de elaboração que especifica e comprova.

A seguir, analisamos a instanciação de [note que]_{MED} na estruturação elaborativa de um outro tipo de sequência tipológica:

(4) O ecossistema pythônico é muito, muito amplo. O número de ferramentas é impressionante, e você deve experimentar cada uma para saber qual se adapta melhor à sua habilidade e à sua história. Entretanto, depois de tanto pedirem, resolvi fazer esta lista de sugestões de por onde começar. Se você realmente quer uma lista de sugestões, acho que pode começar pelo que apresento. *Note que* esta lista é extremamente viesada. É apenas um conjunto de opiniões pessoais. Muitas pessoas apresentarão argumentos (corretos) contra um ou outro ponto de a lista. Este texto é um resumo de minha caminhada, no final das contas, e eu nem sou tão bom em programar em Python assim... Vale notar que não existe um padrão por onde começar -- e provavelmente nunca vai existir.

O quarto fragmento, oriundo do gênero texto instrucional, apresenta um enunciador que ensina o leitor a iniciar estudos em Python. D1 enumera recomendações em uma “lista de sugestões”, e D2, iniciado por [note que],

retoma essa informação “esta lista é extremamente viesada” para torná-la fonte de sua argumentação. Nesse gênero, voltado à transmissão de conhecimento prático, o MED opera como recurso que destaca a honestidade do autor como credencial do tipo de serviço que presta, antecipando possíveis críticas e reforçando a identidade do autor. O D2 tem tipo explicativo, porém está ancorado no ponto de vista do produtor como estratégia para se antecipar a possíveis críticas. Assim, se, por um lado, tal comentário é veiculado com um toque de opinião, baseada nessa expertise, de outro, o produtor busca certa isenção em função do gênero textual em questão.

Em (4), o nível de articulação é intermediário, pois o MED introduz um comentário entre períodos. A evidencialidade é lexical e metarreflexiva, uma vez que o locutor se apresenta como fonte da opinião (“é minha lista”). A modalidade epistêmica é mitigada, marcada pela modéstia intelectual (“nem sou tão bom em programar assim”), e a função argumentativa novamente elabora uma especificação de caráter até reflexivo, pois o D2 reconfigura D1 de modo interpretativo. O efeito de sentido geral é o de cumplicidade, aproximando autor e leitor. Em termos discursivo-funcionais, [note que] reorienta o fluxo argumentativo a partir de um ponto focal de D1, deslocando o foco do conteúdo técnico para a consciência autoral do discurso.

A análise dos quatro excertos evidencia que [note que] atua como MED elaborador de especificação fina, que combina funções argumentativas, evidenciais e modais epistêmicas. Em todos os gêneros observados, o MED mobiliza um espaço atencional e informacional de tipo pontual de D1, transformando-o em objeto de elaboração em D2. Os D2s analisados são predominantemente argumentativos, o que demonstra que a operação de elaboração costuma ocorrer em segmentos cuja função é esclarecer, justificar ou avaliar uma informação anterior.

A evidencialidade lexical de [note que] é constante: o MED explicita a fonte do saber e projeta o locutor como autoridade interpretativa. A modalidade epistêmica varia entre alta e mitigada, dependendo do gênero e da postura do enunciador. O nível de articulação é predominantemente intermediário, revelando a consolidação da atuação como elemento procedural da gramática. Do ponto de vista discursivo-funcional, cumpre-se a orientação argumentativa D1→D2 (KOCH; ELIAS, 2016) por meio do esquema construcional de elaboração [D1 MED D2], nos termos de Traugott (2022), com marcação evidencial (Hattnher, 2013).

Observemos agora como [veja que]_{MED} realiza a mesma operação de especificação, porém em granularidade vasta, reconfigurando blocos discursivos inteiros.

3.2 [veja que]_{MED}

Se [note que] opera como um MED elaborador de especificação fina, voltado para a mobilização de um espaço atencional e informacional pontual, o MED [veja que] realiza o movimento inverso no contínuo da elaboração de especificação: atua sobre blocos discursivos mais amplos, projetando uma especificação de granularidade vasta. Ambos partilham a mesma base funcional — a de elaboradores que integram o eixo da especificação discursiva —, mas diferem quanto ao alcance e à orientação da elaboração. Em [veja que], D1 não é apenas o ponto de partida temático, mas o suporte de uma generalização argumentativa, cuja ampliação em D2 reforça o raciocínio, introduzindo uma especificação que navega entre um tom mais exemplificativo ao mais avaliativo, transcendendo a unidade local. Trata-se, pois, de um MED multifuncional, que combina elaboração argumentativa, modalização epistêmica e evidencialidade lexical (Traugott, 2022; Hattner, 2013), articulando a orientação argumentativa D1→D2 em escopo discursivo mais amplo (Koch; Elias, 2016).

Tal como comentamos acerca do MED [note que], em [veja que] também a conservação de propriedades semânticas da categoria fonte verbal *ver* concorre para conferir a granularidade vasta da elaboração processada por este constituinte. O sentido metafórico de *entender*, *perceber* ou *observar* ainda está presente em [veja que], motivando a ampliação do espectro discursivo elaborado por este MED.

Estamos nos referindo a um tipo de estruturação discursiva como as ilustradas a seguir:

- (5) Aqui no Brasil, algumas Assembleias Legislativas têm editado leis estaduais que trazem conteúdo incompatível com a ordem constitucional, como a Lei Orgânica da Polícia Civil da Bahia, Lei 11.370/2009 que: a) considera autoridade policial, exclusivamente, os ocupantes da carreira de Delegado da Polícia Civil (art. 50, § 1º); b) ainda prevê em suas competências a exclusividade para fazer o Termo Circunstanciado (art. 6º, IV); *Veja que* restringir o conceito de "« autoridade policial », e decidir sobre competências para lavratura do Termo Circunstanciado é tarefa de ordem processual penal. Ou seja, é o Estado Federado invadindo seara de competência privativa da União, art. 22, I, CF. À semelhança, as incongruências não param por aí.

O excerto (5), extraído de um artigo sobre a organização das polícias, pertence ao gênero jurídico-analítico, no qual a função explicativa e a autoridade argumentativa se sobrepõem. D1 apresenta uma descrição técnica sobre a natureza dos órgãos policiais e suas competências; D2, iniciado por [veja que], introduz uma avaliação normativa: “restringir o conceito de autoridade policial é tarefa de ordem processual penal”. O tipo textual de D2 é argumentativo-explicativo, pois amplia o raciocínio anterior com uma inferência normativa.

O nível de articulação é intermediário, conectando dois períodos que expressam campos informacionais distintos — o descritivo e o interpretativo. A evidencialidade lexical de [veja que] aponta para uma fonte de autoridade técnico-jurídica: o locutor assume a voz de quem interpreta a legislação. A modalidade epistêmica é de certeza categórica, compatível com o gênero. A função argumentativa tem tipo elaborativo: o MED convoca o leitor a reconhecer, no exemplo legislativo, a evidência de uma tese mais ampla (a invasão de competência estadual). O efeito de sentido geral corresponde ao de validar a conclusão jurídica; em termos discursivo-funcionais, [veja que]_{MED} projeta um espaço atencional vasto, que abrange o conjunto de leis comentadas, e o transforma em argumento de reforço, promovendo coesão entre a descrição técnica e a interpretação crítica.

Trata-se de um tipo de articulação textual-discursiva que também constatamos a seguir:

(6) Mas nossos sonhos são tão iguais. Gostaria de recomeçar. Ele é um homem honesto dez anos mais velho e disse ter a real intenção de ficar com mim o resto da vida. É certo isso? Por favor o que faço, tenho medo de meu atual marido. Me ajude, Obrigada A Paz! RESPOSTA: Querida, você conhece a verdade. A verdade é a Palavra, a verdade é Jesus Cristo, e vocês professam ser evangélicos, mas não vivem o evangelho com relação a fidelidade conjugal, nenhum dos dois. Então acabam colhendo e comendo dos frutos daquilo que plantaram, é assim que funciona. O fato de ele ter errado, teria te estimulado a adulterar também. *Veja que* bastou uma desculpa para você também adulterar, e agora, novamente está adulterando com um homem casado. É, o novo adultério está acontecendo a partir do momento que vocês estão se desejando, e você acha que o fato de ele não viver bem com a esposa é motivo de sobra para ir para a cama com ele.

O fragmento (6), captado de um texto de aconselhamento espiritual, ilustra a instanciação de [veja que]_{MED} em um contexto de aconselhamento

interpessoal. D1 apresenta a explanação do líder religioso, que enquadra a questão no campo da moral; D2, introduzido por [veja que], amplia o alcance da narrativa individual, generalizando-a para o campo ético: “bastou uma desculpa para você também adulterar”. O gênero, aqui, parece motivar a atuação do MED: como o texto tem função moralizadora, [veja bem] é instanciado para transformar o caso pessoal em lição universal. D2 traduz a experiência em argumento ético.

O nível de articulação é intermediário, uma vez que a articulação entre D1 e D2 reconfigura toda a narrativa em chave de juízo. A evidencialidade lexical marca a proximidade pastoral (“veja que...”), e a modalidade epistêmica é de certeza valorativa, não científica, mas fundamentada na autoridade moral do enunciador. A função argumentativa é elaborativa, e o efeito de sentido geral está em reorientar a leitura: o interlocutor é levado a compreender o fato narrado como exemplo de um princípio ético. Do ponto de vista discursivo-funcional, a instanciação de [veja que]_{MED} amplia o espaço informacional de D1, transformando um episódio particular em argumento normativo — marca inequívoca da granularidade vasta.

No trecho seguinte constatamos esse tipo de elaboração vasta também:

(7) Quem casa para ter um doador doméstico de sêmen age de modo torpe. Engana o marido, faz votos mentirosos no altar, põe o carro na frente dos bois e subverte a ordem natural que Deus criou para a humanidade. Primeiro houve a Trindade. Depois Cristo nos fez filhos. E a Trindade não existe em função de seus filhos. Do mesmo modo, primeiro vem o casal, unido em amor, e depois os filhos -- o resultado desse amor. Primeiro cresce a árvore, depois nascem os frutos. 2 Coríntios 12.14 diz "« Além disso, os filhos não devem ajuntar riquezas para os pais, mas os pais para os filhos "». *Veja que* essa passagem fala de herança, de legado, de uma ordem lógica. Os pais vêm primeiro, depois os filhos. Essa é a sequência bíblica. Pensar nos filhos antes do pai ou da mãe é pura subversão dos propósitos de Deus em se tratando de motivações para o casamento. Logo, é pecado.

O dado (7), extraído do gênero artigo religioso de reflexão bíblica, apresenta D1 construído a partir de uma citação (“os filhos não devem ajuntar riquezas para os pais”) e D2 iniciado pela instanciação de [veja que]_{MED}, que interpreta a passagem como prova de uma ordem divina de precedência familiar. O tipo textual de D2 é argumentativo-dedutivo, pois parte do texto bíblico para inferir uma regra universal.

O nível de articulação é interparágrafo, de amplitude máxima, conectando a citação ao desenvolvimento posterior. A evidencialidade lexical aponta para o início da leitura interpretativa — e também intertextual, pois a fonte de saber é o texto sagrado. A modalidade epistêmica é assertiva, e a função argumentativa de especificação se coloca por meio de uma interpretação de autoridade. O efeito de sentido geral é o de legitimação discursiva: o locutor não apenas explica, mas sanciona a leitura como verdadeira. Em termos discursivo-funcionais, [veja que] articula D2 de ampliação, que reconfigura D1 como evidência do argumento de caráter teológico — operação típica de elaboração de especificação vasta, que abarca um domínio discursivo completo.

Examinemos o próximo fragmento ilustrativo:

(8) Competição no trabalho: muitos se preocupam com as promoções disputadas com seus companheiros de trabalho. Para resolver isso, procure ser um profissional à altura de seu cargo, que deve ser obtido por mérito próprio e não por favoritismo. * Culpa de sobrevivente: muitas pessoas sentem-se culpadas por perderem amigos e parentes em acidentes. Para resolver isso, faça um exame de consciência e seja o seu próprio juiz. *Veja que* não se pode desfazer uma tragédia causada por acidente. Passe a limpo a sua consciência. * Princípios religiosos: infringir as regras recomendadas pela sua religião ou doutrina. Novamente, resolve-se consultando a consciência e tendo uma vida pautada em bons princípios, sem lesar o próximo.

O excerto (8) é extraído de um texto de autoajuda, de natureza instrucional e moralizante. D1 enumera causas de culpa e formas de superação; em D2, a instanciação de [veja que]_{MED} introduz uma máxima generalizadora: “não se pode desfazer uma tragédia causada por acidente”. O tipo textual de D2 é argumentativo, pois reitera o princípio moral extraído do caso particular.

Em (8), o nível de articulação é intermediário, dado que o MED conecta porções de texto interperíodos dentro de um mesmo bloco temático, expandido o raciocínio para um campo mais abstrato — o da filosofia de vida. A evidencialidade lexical de [veja que] aponta para o saber que vem da observação da realidade humana. A modalidade epistêmica é assertiva de sabedoria prática, típica do gênero. A função argumentativa se elabora com base em uma especificação: D2 traduz em regra o que em D1 era circunstância. O efeito de sentido geral é o de fechamento reflexivo, em que o leitor é convidado a internalizar a lição. Discursivo-funcionalmente, o MED amplia o espaço interativo atencional e informacional, construindo uma leitura de alto

escopo — da situação individual à norma universal — e reforça a identidade didática do gênero e seu caráter vasto.

Nos quatro excertos analisados nesta subseção, [veja que] confirma sua função de MED elaborador de especificação vasta, cuja operação de elaboração se dá sobre um espaço atencional e informacional amplo, envolvendo sequências discursivas inteiras. Diferentemente de [note que], que atua sobre o detalhe e busca precisão, [veja que] trabalha com a generalização e a inferência. D2, nesses casos, tende a assumir tipo textual argumentativo de natureza muitas vezes explicativa, com frequência em gêneros de autoridade discursiva — jurídico, religioso, instrucional —, o que reforça o caráter persuasivo do MED.

A evidencialidade lexical faz parte das características desses MED, frequentemente combinada a uma fonte de saber externa (doutrina, lei, experiência, moral), e a modalidade epistêmica se mantém evidente, sinalizando o compromisso do locutor com a veracidade ou validade do argumento. Do ponto de vista discursivo-funcional, [veja que] é o articulador da ampliação: transforma D1 em base de sustentação e D2 em espaço de generalização, instaurando uma orientação argumentativa de grande alcance.

4 Considerações finais

Nossas análises dos contextos de instanciação dos dois MED pesquisados revelam um contínuo funcional da elaboração por especificação. [note que] opera na granularidade fina, mobilizando pontos de D1 (unidades lexicais/conceituais) e projetando-os como foco argumentativo em D2. Sua evidencialidade lexical é, em geral, interna, e a modalidade tende ao alto comprometimento (por vezes mitigado), compatível com gêneros opinativos e instrucionais que exigem precisão focal. Já [veja que] atua na perspectiva da granularidade vasta, incidindo sobre blocos discursivos e produzindo generalizações/inferências de maior alcance; sua evidencialidade lexical frequentemente está ancorada em autoridade externa, e a modalidade é assertiva (técnica, moral, confessional), afinada com gêneros de autoridade discursiva.

À luz de Koch e Elias (2016), ambos os MED atuam na orientação D1→D2 (tema → orientação). De acordo com Traugott (2022), trata-se de MED elaboradores, mas posicionados em pontos distintos do contínuo local -> global. Com base em Hattnher (2013), constatamos que a evidencialidade

lexical não é periférica, mas que codifica o modo de acesso ao saber e organiza a legitimidade epistêmica da orientação.

Nesse contínuo, os dois MEDs revelam não apenas uma gradação de escopo informacional, mas um *cline* de engajamento epistêmico do locutor: do comentário focal e autoral (fino) ao argumento generalizante e institucional (vasto). Constatamos que o português, assim, gradua a elaboração discursiva por meio de microconstruções do tipo MED elaborativos evidenciais, que fazem a ponte entre cognição, discurso e argumentação. Trata-se de duas aloconstruções, cumpridoras de subfunção específica na ampla classe dos MP, tomada como hiperconstrução da rede linguística do português, nos termos de Diewald (2020).

Nesse quadro, defendemos que a descrição e análise de [note que] e [veja que] contribuem para ampliar o mapeamento construcional do português contemporâneo, evidenciando como microconstruções situadas no nível pragmático-discursivo estruturam, orientam e legitimam percursos argumentativos no uso real da língua.

Agradecimento: O presente artigo foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq), via bolsa de produtividade em pesquisa, e da Função Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Brasil (Faperj), via bolsa Cientista do Nosso Estado.

REFERÊNCIAS

BOOIJ, G. Construction Morphology and the Lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (Eds.). **Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse**. Somerville: Cascadilla Press, 2007. p.34-44.

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for allostructions. **Constructions** SV1-7/2006 (www.constructions-online.de, urn:nbn:de:0009-4-6839, ISSN 1860-2010)

CROFT, W. **Radical Construction Grammar: syntatic theory in typological perspective**. New York: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. Paradigms lost – paradigms regained: Paradigms as hyper-constructions. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (Ed.). **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: Benjamins (CAL 27), 2020, p. 277-315.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.) **Approaches to Grammaticalization**, v.1. Amsterdam: Benjamins, 1991, p. 17-37.

FRASER, B. Types of English discourse markers. **Acta Linguistica Hungarica**, n. 38, p. 19-33, 1988.

FRASER, B. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**, n. 31, p. 931-952, 1999.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R.. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013, p. 13-40.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HATTINHER, M. M. D. A. The interaction between tense and evidentials of event perception and deduction in Brazilian Native languages. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (Org.). **Casebook in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 39-66.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LACERDA, P. F. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro, volume especial, p. 83-101, 2016.

PEREK, F. Argument structure in usage-based Construction Grammar. **Linguistics**, v. 55 (6), p. 1433-1441, 2015.

ROSÁRIO, I. C. (Org.). **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: EdUFF, 2022.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, v. 2, n. 60, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional: *quo vadis?* In: BISPO, E. B.; SILVA, J. R.; SOUSA, M. M. (orgs). **Pesquisas funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso** – uma homenagem à Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal: EDUFRRN, 2021, p. 329 -384.

TRAUGOTT, E. C. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. **Cadernos de Linguística**, Campinas, v. 2, n. 1, p.1-25, 2021.

TRAUGOTT, E. C. **Discourse Structuring Markers in English: A Historical Constructionalist Perspective on Pragmatics**. Lancaster: John Benjamins Publishing Company, 2022.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em outubro de 2025.

Aprovado em novembro de 2025.

Publicado em dezembro de 2025.

SOBRE AS AUTORAS

Ana Cláudia Machado dos Santos é doutora em Estudos de Linguagem, ênfase em Linguística, pela Universidade Federal Fluminense (UFF - 2015). Mestre em Língua Portuguesa pela UFF (2010). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Veiga de Almeida (UVA-2007). Estágio de pós-doutorado em Educação Linguística e Cidadania pela UFF (2023). Professora Adjunta IV-C de Língua Portuguesa na UFF. Vice-líder e pesquisadora no grupo "Conectivos e Conexão de Oração" (CCO). Vice-coordenadora da Especialização em Língua Portuguesa. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Conectores da Sintaxe ao Discurso. Coordenadora do projeto de extensão PROEX-UFF "Especialização na mídia: socialização das ações e da produção científica do programa de pós-graduação lato sensu em Língua Portuguesa da UFF". Coordenadora do projeto de extensão PROEX-UFF "Refletindo acerca do domínio da conexão em textos de opinião de cunho político na mídia digital: colóquios sobre ensino de língua materna e cidadania". Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua portuguesa, Morfossintaxe e Macrossintaxe, Conectores textual-discursivos, Marcadores de estruturação do discurso. Funcionalismo

centrado no uso, Leitura e Análise linguística críticas, Educação linguística e cidadania.

Mariangela Rios de Oliveira é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993). Tem pós-doutorado na Universidade Aberta (Lisboa). É professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto. Foi presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) no biênio 2015-2017 e membro do Conselho Deliberativo da entidade de 2018 a 2021. É sócia honorária da ABRALIN e coordenadora do Grupo de Estudos "Discurso Gramática- UFF". É bolsista PQ 1B do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj. Foi chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFF em três gestões e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem em duas gestões. Ex-coordenadora do GT Descrição do Português da ANPOLL nos biênios 2012-2013 e 2014-2015. Foi editora-chefe da Revista Gragoatá de 2006 a 2016. É docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF e foi professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ/ Faculdade de Formação de Professore, de 2019 a 2021, e professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFOP, no ano de 2023. Atual Cientista do Nosso Estado pela Faperj. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: língua portuguesa, funcionalismo, construcionalização lexical e gramatical, morfossintaxe e advérbios.